

DOUTOR JIVAGO

O romance de Boris Pasternak “Doutor Jivago” tornou-se mundialmente conhecido após o sucesso do filme que confirmou o estrelato do ator egípcio Omar Sharif (1932-2015). Lançado fora da URSS por causa da censura totalitária do regime, o livro só foi lido pelos russos em 1987. Produzido em 1965 e dirigido por David Lean, o filme ganhou cinco Oscars em 1966, inclusive de melhor trilha sonora), pois a música-tema de Lara (a “mocinha” da história estrelada pela bela Julie Christie) tornou-se um sucesso imediato. A trama do longa-metragem com quase 3 horas de duração conta em clima épico os dramas, aventuras e desventuras de um médico e seu amor por Lara na Rússia desde os tempos do czarismo, passando pela Revolução de 1917 e a implantação do regime soviético. Lembro que, adolescente, assisti o filme no velho cine São Luiz no centro de Franca e nunca passei tanto frio na vida, influenciado pela neve e frio quase constantes da película.

Nos anos 1960, um filme desta magnitude atraía multidões, com filas que davam a volta no quarteirão do cinema. Nas pequenas cidades, grupos alugavam ônibus para viajar até a mais próxima que tinha cinema onde assistiam aos filmes que as revista “Cruzeiro” ou “Manchete” traziam com fotos das atrizes e atores. Na pequena cidade mineira de Capetinga, um grupo se entusiasmou com o sucesso de Dr. Jivago e organizou uma excursão a São Sebastião do Paraíso, a mais próxima com cinema para assistir o filme. Nas biroscas e botecos da cidade não se falava noutra coisa, muitos juntando dinheiro para participar da excursão.

Era um sábado quando o ônibus fretado da Viação N.S. de Lourdes aportou na Praça da Matriz de Capetinga e os felizes participantes que haviam comprado o bilhete de ônibus com direito ao ingresso no cine São Sebastião se refestelaram nos bancos. Sacolejando pela estrada de terra batida, não se importaram com a poeira, solavancos, nem com a lentidão do trajeto. Passaram pelo distrito de Goyanazes, onde dezenas de espantados meninos descalços saíram à rua principal para ver o ônibus passar, naquela algazarra e abanos de mão.

Quando o Sol começou a desaparecer no horizonte e a noite a chegar, adentraram São Sebastião do Paraíso, terra do doce de leite Aviação. Rumaram com suas roupas domingueiras até a praça central, onde desceram. Em fila, dirigiram-se ao cinema que ficava ao lado da igreja matriz sob o olhar espantado e divertido dos paraisenses, inclusive dos pais da minha amiga Cynthia Montans que estavam na fila (até colocaram o nome na irmã da Cynthia de Larissa por causa do filme) e do meu amigo Mauro Momic, que passava por ali a caminho de um ensaio do conjunto “Os sapos”, que não me deixam mentir sozinho. É que, na lateral do ônibus, uma grande faixa pintada e toda suja do pó da estrada bradava aos sete ventos: “Capetinga saúda Doutor Jivago”.

Mauro Ferreira é arquiteto